

EDITORIAL ODE À VIDA

Anne Lise Di Moisé Sandoval Silveira Scappaticci¹

annelisescappaticci@yahoo.it



*Teseu: Amantes e loucos têm cérebros tão fervilhantes,
Tais fantasias modeladoras, que apreendem
Mais do que a razão legal jamais compreende.
O lunático, o amante e o poeta
São de imaginação todos conectados:
Veem-se mais demônios do que o vasto inferno pode suportar,
Ou seja, o louco: o amante, tudo tão frenético,
Vê a beleza de Helena em uma cigana do Egito:
O olho do poeta, em fino frenesi girando,
Olha do céu para a terra, da terra para o céu;
E como corpos de imaginação
As formas das coisas desconhecidas, a pena do poeta
Transforma-os em formas e dá ao aéreo nada
uma morada etérea e um nome
(Shakespeare, *Sonhos de uma noite de verão*, Ato V)*

Uma odisseia editorial

Conto a experiência editorial desses quatro anos como uma maneira de deixar uma contribuição a meus pares e à instituição que tanto prezo.

Com base em um livro que teimosamente li em minha infância e do filme *O olhar de Ulisses*, de Theo Angelopoulos, escolhi o mito da odisseia como pensamento editorial; um modelo “norte-a-dor”, a partir do qual surgiram os diferentes temas da *Ide*, de 2020 a 2024, formando uma pequena coleção.

A escolha do modelo segue a ideia de “Construções em análise”, proposta por Freud em 1937, o que, numa analogia com a arte, seria uma concepção felliniana do mito, das lembranças da infância ou dos relatos de sessões com nossos analisandos:

não se trata de uma memória que supostamente preserva o vivido e o ocorrido, mas de uma faculdade incontrolavelmente criativa, que aumenta, recria, retorce ou colore as histórias que reconta. (Fellini, em entrevista à *Folha de S.Paulo*)

¹ Analista didata e professora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutora em saúde mental pelo Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp). Doutora em psicologia clínica pela Universidade de Roma La Sapienza. Pós-doutora pelo programa de psicologia clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

Retorno à origem dessa odisseia, à primeira carta-convite e ao mote editorial da revista, no qual o mito é retratado em seu caráter pré-edípico:

Nessa viagem ilógica, vaga e desordenada, o herói vai em busca de si mesmo, sendo decantado e depurado. Sua história é nossa história, é o retorno à essência.

A navegação tumultuada reflete a domesticação das forças interiores por meio da experiência que harmoniza o divino dentro de si mesmo. (Scappaticci, 2021, p. 7)

Desde o início de nossa humanização, a viagem foi cantada nos versos dos poetas que invocaram a inspiração de suas musas, tais como Homero, Shakespeare, Nietzsche e, finalmente, Freud. Assim, o Édipo pode ser lido como o cumprimento do destino trágico, a pré-destinação, ou ainda, através da curiosidade, do épico. Aquiles e Ulisses, tragédia ou épica, drama ou investigação, ser ou não ser. (Scappaticci, 2021, p. 4)

A odisseia é a luta cotidiana para encontrar um acordo com ser quem se é, sofrer a dor mental pelas próprias escolhas ou evadir-se. Cito no primeiro volume a *Odisseia* retratada por Dante Alighieri.

(Para) estudiosos da *Divina comédia*, Dante teve acesso a uma *Odisseia* cujo final exalta a obsessão de Ulisses pelo conhecimento. Tanto que recorre ao uso de uma comunicação simples, mas eficaz, que faz com que seus companheiros desistam imediatamente do desejo do lar, não podendo resistir ao chamado para ultrapassar os limites do conhecimento, e, assim, nessa concepção, o herói não retorna.² (Scappaticci, 2021, p. 4)

Ó irmãos, eu disse “que por cem mil perigos vocês alcançaram o Ocidente,
Nesta vigília muito pequena – pequena oração neste escasso tempo que ainda nos
resta para viver

Diga aos nossos sentidos que é o remanescente

De volta ao sol, do mundo sem gente.

Considere seu sêmen (DNA divino): nós fomos criados para não viver como brutos,
Mas seguir a virtude e o conhecimento.

(Alighieri, 1300/1985, Verso xxvi, pp. 111-120)

Retornando à odisseia editorial, a tentativa foi de disponibilizar e de abrir para surgimento de novas ideias, na proposta freudiana de uma atenção flutuante

2 *O frati, dissi “che per cento milia perigli siete giunti a l’occidente, | A questa tanto picciola vigilia
Dí nostri sensi ch’è del rimanente | Di retro al sol, del mondo senza gente. | Considerate la vostra
semenza: fatti nos foste a viver come bruti, | Ma per seguir virtude e conoscenza”.* (Paolo Scappaticci,
comunicação oral, ao ler a *Divina comédia*, de Dante Alighieri, em Seminário sobre a *Divina comédia*)

para o nascimento de uma estrela, um grande desafio. A decisão foi abordar o psiquismo pelo mito, o que traz manifestações arcaicas, clássicas e universais da curiosidade e crueldade humana, para assim contemplar os temas modernos do cotidiano e do contemporâneo. Guerras, fanatismo, intolerância às diferenças, a tendência humana de permanecer ofuscado por seus próprios instrumentos e descobertas no privilegiar o inanimado em detrimento do animado: tudo isso é a apresentação do humano que se reedita em novas roupagens. A banalidade do mal, a visão simplista e fanática devido a projeções para fora de si mesmo, no outro, e a falta de visão do contexto como um todo, foi explicitada por Hannah Arendt, está na literatura, nos livros sagrados e na arte. É a consequência mais explícita da dificuldade de tolerar nossa própria guerra interior, diferenças e alteridades internas e externas.

E o que é “isso”? O Isso, o Id, o divino, o Tao, o inconsciente, o infinito? A psicanálise é um instrumento de aproximação do psiquismo, não é a coisa em si. O psíquico, por sua natureza complexa, não é binário, mas trata-se de multidimensões que no presente nos coabitam e nos perturbam. Contém em seu bojo relações com vários âmbitos da manifestação humana, como a física quântica, matemática, espiritualidade e religião, o homem em seu contexto social, político, histórico, científico, biológico, a arte e cultura. A psicanálise é tudo isso e é muito mais. Possui uma especificidade: o olhar e a observação do psiquismo que assim se expande. O olhar de Ulisses?

A *Ide* é uma revista na interface entre a psicanálise e a cultura, um algo a mais para o arsenal individual de cada analista, que pode encontrar expressão ao inacessível, à mente. Muitas vezes a psicanálise e a cultura encontram resistência entre os próprios psicanalistas. Somos avessos a nós mesmos, a nossa realidade psíquica, nossas mentes ainda engatinham.

Contribuir e estimular a publicação é a maior missão do editor. Com a finalidade de lançar a voz de nossos psicanalistas nas estradas, na comunidade científica, pelo meio atual que é prevalentemente online, atribuímos um número DOI à revista,³ hoje ela está à venda, e esperamos que o bom nível dos artigos desperte o interesse dos psicanalistas dentro e fora de nossos muros, divulgando nossa Instituição.

Fizemos um estudo minucioso para pôr a *Ide* no PEP, uma privilegiada plataforma de divulgação e troca entre psicanalistas no âmbito internacional, esse processo ainda em andamento.

3 Digital Object Identifier ou Identificador de Objeto Digital.

Concluo, pondo ênfase no valor fundamental da publicação do psicanalista entre seus pares, principalmente da escrita. Sabemos que o objeto psicanalítico se faz e se completa através desta. Em meu auxílio, cito esse trecho da carta de Susan Sontag a Borges, 10 anos após sua morte, em que ela discorre sobre a importância da escrita e dos livros:

Se os livros desaparecerem, a história desaparecerá, e os seres humanos também. Tenho certeza de que você tem razão. Livros não são apenas a suma arbitrária de nossos sonhos e de nossa memória. Eles nos dão também o modelo de autotranscendência. (2005, p. 151)

Em psicanálise a escrita é a realização da interioridade, tornando-a mais viva, é a autobiografia do próprio analista.

Despeço-me com a frase que ouvia quando criança e que sabia que tinha algo meu, um brilho de algo mais, diferente de um mero mandamento religioso: *Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força!* (Deuteronômio 6;5.)

Um fraterno abraço a todos da Anne Lise.

Referências

- Alighieri, D. (1985). Inferno. In N. Sapegno (Org.), *Divina comédia* (3.^a Ed.). La Nuova Italia. (Trabalho original publicado em 1300)
- Scappaticci, A. L. M. S. S. (2021). Carta-convite. *Ide*, 43(71), 7-8.
- Scappaticci, A. L. M. S. S. (2021). Editorial. *Ide*, 43(71), 4-6.
- Shakespeare, W. (1981). *Il sogno d'una notte di mezza estate*. Biblioteca Universale Rizzoli. (Trabalho original publicado em 1590-1600)
- Sontag, S. (2005). *Uma carta para Borges*. Companhia das Letras.